

Jornal da

# PERIFERIA

ANO I — N.º 4

MARÇO DE 1980

Cr\$ 5,00

**A TERRA É DO HOMEM  
NÃO É DE DEUS,  
NEM DO DIABO.**



# Deputados traem o povo

Um festival de pouca vergonha está acontecendo na política de São Paulo. Nada menos que dezesseis deputados da Oposição passaram para o partido do governo, o PDS, graças a subornos de Maluf. O governador biônico se aproveitou da falta de caráter desses políticos. Será que política é sinônimo de sujeira? Ou coisas como essa só acontecem em países onde o povo não participa do poder? Na página 6, o JP fala sobre esse escândalo e sobre a Política com pé maiúsculo. Na página 3, dona Francisca, da favela Nova Esperança, participante do Movimento de Favelas, conta porque teve que sair do campo e vir para a cidade. Ela afirma: "o governo não pode continuar tratando o camponês como animal, ele deve dar a terra a quem a trabalha." Os problemas e as reivindicações das vilas, o movimento de terreno e o estado em que o JP encontrou o Grupo Escolar Milton Albuquerque, estão nas páginas 4 e 5. Na página 7 o JP fala sobre o processo que apura a morte do operário Santo Dias da Silva e a luta da viúva, Ana, para que os assassinos sejam punidos. Tem ainda notícias sobre a alta nos preços dos alimentos, o boicote da carne, além do problema do desemprego. E na página 8, uma reportagem sobre o Corinthians do Jardim Manacá, a Festa do Sorvete na Angelina e as notícias da Ciranda.

## Com o coração na mão

«O pessoal do Balneário São José está ficando apavorado, e suando frio, só em pensar em sair de casa, a qualquer hora do dia ou da noite. A violência, a falta de segurança, estão atingido níveis insuportáveis na região.

Imaginem que, em uma semana, houve nada menos que oito assaltos por lá, e agora os ladrões mudaram de horário. Em vez de atacar de noite, estão agindo à luz do dia, logo de manhãzinha. O trabalhar está saindo de casa,

com seu dinheiro contato, como sempre, prá condução, e de repente aparece um ladrão. O pior é que, vendo que a pessoa tem pouco dinheiro, rouba tudo o que tem e ainda agride, com raiva.

Aquí no Balneário está todo mundo com muito medo mesmo. É um absurdo a falta de policiamento. Não existe uma guarda quando se precisa, aliás nunca se viu polícia nessas redondezas.

José Leite  
Balneário São José

## Cutucando o loteador

"No Parque Amazonas tem pessoas que quitaram o terreno e não quiseram depositar no Forum, mas pagaram advogado prá tirar a escritura. O loteador Nilo Araújo está sem futuro, uns cutucam de um lado, outros cutucam de outros. Estamos organizando uma comissão para ir neste mês de março até à Light, pedir luz para o nosso bairro. Nós estamos precisando de socorro no Parque Amazonas. É malandro roubando e gente se matando. Precisamos de policiamento, ao menos nos sábados e domingos".

João Rodrigues de SOUZA  
Parque Amazonas

## Contra os pernilongos

«Preciso de ajuda para começar a divulgar uma campanha contra pernilongos no Bororé, Grajaú, Shangrilá e Eliane. Nesses lugares quase não existem centros comunitários. Toda a represa Billings está contaminada e é necessário começar uma campanha. Eu já dei aula no Bororé e sempre velho para esses lados. Desta vez, fiquei pasmada com a quantidade de pernilongos. Já entrei em contacto com a Sociedade Amigos de Bairros de Eldorado e com o vice-secretário do Meio Ambiente da Grande São Paulo».

Neusa da Costa Pereira  
Pinheiros

## Periferia quer

### Pronto-Socorro

"Não me surpreendo quando fico sabendo que 500 mil pessoas, um terço da população de Recife, acordam sem saber se terão o que comer. Estou sentindo o problema na pele, porque há cinco meses me encontro desempregado. No dia 1º de março de 1980 foi lançado mais um núcleo do PT na região, no Jardim Primavera. Como disseram lá, a diferença entre o PT e os outros partidos é que o próprio povo é quem está construindo o PT. Participando, organizando, estruturando, o povo deve levar as experiências de um bairro a outro. Nesse dia também foi discutido o problema da polimielite. Os médicos disseram que o povo da periferia é o mais atingido por ter condições de vida miseráveis, habitação sub-humana, esgotos escorrendo na porta da casa, água de poço, e nenhuma assistência à saúde.

Outro fator seria a alimentação. Só se consegue formar anticorpos com carne e leite tipo B, porque o C é água pura, mas cadê o dinheiro? Os moradores se manifestaram a favor da construção de um pronto-socorro que atenda à população de São José, Rio Bonito, Jardim Primavera,

Cidade Dutra e adjacências."

Joselito Brito dos Santos  
Jardim Icarai

## Construtora afunda o Barro Branco

Os moradores da rua Alvaro Pato Muniz, antiga rua 14, no bairro do Barro Branco, km 29 da Estrada de Parelheiros, enviaram abaixo-assinado à Administração Regional de Santo Amaro, pedindo melhoramentos. "A rua se encontra intransitável" - dizem os moradores e há muito tempo nesta rua não passam sequer pedestres, há atoleiros em toda a parte.

"Precisamos que a rua seja alargada e cascalhada, os esgotos estouram todos e estão prejudicando a todos, principalmente as crianças. Então necessitamos de um esgoto em frente à Estrada de Parelheiros, aproximadamente 15 metros de esgoto para que tudo seja normalizado. As principais ruas prejudicadas nesse bairro são: Rua 13, 14, 15 e 16, e o prejudicamento de tudo isso que estamos lhe informando é da Construtora Samar, que está fazendo loteamentos ao lado do Barro Branco. Por este motivo é que as ruas e esgotos estão nesta situação."

## Quais os problemas da sua vila?

Quais os problemas de sua rua? Como estão as lutas dos moradores de sua vila? Que dificuldades você enfrenta no seu trabalho? O que você acha do Jornal da Periferia? Tem sugestão para alguma reportagem? Reclamação sobre a escola onde seus filhos estudam? Há muitos assaltos na sua vila?

endereço é Estrada de Parelheiros, 4.560, sala 13, ao lado do posto de gasolina, junto ao largo de São José.

## Jornal da PERIFERIA

### EXPEDIENTE

Diretora Responsável: Elizabeth de Souza Lorenzotti — Reg. MT 10.716 — Matr. Sind. 4.183

Redação: Estrada de Parelheiros, 4560, sala 13 — São José — São Paulo.

Composto na Editora Jornalística AFA Ltda. — Av. Liberdade, 704 — SP. — Impresso nas Oficinas do Jornal Paulista Ltda. — Rua Oscar Cintra Gordinho, 46 — São Paulo.

FOTOGRAFIA — As fotos da entrevista e da reportagem sobre crianças do número 3 do Jornal da Periferia são de Sarah Yakhni.

NO BRASIL POBRE SÓ FICA DE BARRIGA CHEIA QUANDO HA' ENCHENTE.



# “O pior do Norte e Nordeste e a terra na mão de poucos”

*Dona Francisca Narcisa da Silva, moradora da favela nova Esperança e participante ativa do Movimento de Favelas, conta porque veio para São Paulo depois de 18 anos na zona rural de Pernambuco. E conclui que “os problemas de lá são os mesmos que enfrentamos aqui.”*

**JP — Por que vocês deixaram o campo e vieram para a cidade?**

**Francisca** — Deixamos o campo depois de uma experiência de 18 anos. Meu marido, Manoel da Silva, tocava roça em Conceição de Piancó, na Paraíba. Ele plantava milho, feijão e algodão. A terra era do meu sogro, que vendia o algodão para fazendeiros ricos, com grandes propriedades, e os preços que pagavam eram muito baixos. Nós éramos em doze pessoas, dez filhos. O que a gente colhia de milho e feijão dava prá gente comer durante seis meses. Eu era professora da fazenda, ganhava uma miséria, 50 centavos em 1960.

Meu sogro e os filhos pediam empréstimo nos bancos para comprar sementes e ferramentas. No fim do ano a plantação dava tão pouco que não podiam pagar nem a metade do empréstimo.

Quando meu marido viu que a vida da gente estava ficando cada dia mais difícil, sugeriu que poderíamos vender tudo e tentar a vida na cidade, em Serra Talhada, Pernambuco. Fizemos isso, mas a venda só dei para pagar o nosso empréstimo, meu sogro também era pobre e não podia ajudar.

**JP — Quais eram os planos para a vida na cidade?**

**Francisca** — Lá a gente pensava arrumar trabalho. Na época eu tinha 5 filhos, os outros tinham morrido em Conceição de Piancó, eu estava esperando o sexto.

**JP — Como continuou a vida em Serra Talhada?**

**Francisca** — Ficamos 5 anos lá. Depois de muito sofrimento, consegui entrar na SANBRA. Era trabalho temporário, apenas na época da colheita do algodão. Nesse tempo, o Manoel chegou a trabalhar até no cemitério. Em 67 entrou numa empreiteira do DER para colocar asfalto em estrada, mas em 1970 a firma foi prá Alagoas e ele não pôde me levar, vinha de 2 em 2 anos visitar a gente. Resolvi então voltar prá terra de meu pai, que ficava perto da de meu sogro, em Conceição de Piancó. Lá, toquei roça das 7 às 11 da manhã, dava aula das 12 às 15 em escola rural e à noite também lecionava, das 7 às 10 da noite.

Meu pai estava melhor de vida, mas não entendia de política. Lembro que apareciam os políticos do governo da Paraíba prá conseguir votos pros “capangas” deles, e prometiam lançar meu pai como candidato a vereador e a outros cargos. Ele acreditava e chegava a vender o que tinha para fazer campanha. Depois da eleição não aparecia ninguém, as promessas não eram cumpridas.

Eu e meu irmão, Raimundo Felix da Silva, não acreditávamos nes-



Foto: Sarah Yakhni

## Jornalista precisa ajudar a luta do povo

**Dona Francisca tem um recado para os jornalistas da grande imprensa: “Nós já estamos cansados de gastar saliva, falar, falar e não sai nada no jornal nem na televisão. Os repórteres dizem que o patrão não deixa. Então eu digo prá esses repórteres lutarem também, fazerem greve, fazerem alguma coisa unidos, prá ficar do nos-**

**so lado a ajudar a nossa luta. Não adiante ficar chorando e resmungando porque não saiu a reportagem e dizendo que foi censurada pelo patrão. Se reclamar perde o emprego? Então, que todos os jornalistas reclamem juntos. Não adianta só a gente ficar fazendo movimento, todos os trabalhadores têm que se ajudar”.**

ses políticos e achávamos que meu pai devia se afastar de tudo isso. Resolvemos comprar um sítio em Serra Talhada, levamos meu pai. Em 1972 compramos um sítio por 40 mil cruzeiros. Tentamos tocar a roça e tivemos os mesmos problemas de antes.

Em 1974 decidimos novamente abandonar a roça. Em janeiro de 1975 o Manoel veio prá São Paulo, e seis meses depois eu cheguei. Deixei as crianças com meu pai, em Serra Talhada.

**JP — O que levava vocês a escolherem São Paulo?**

**Francisca** — A gente escolheu São Paulo porque ouvia dizer que tinha emprego e dava prá gente ganhar dinheiro. Escrevemos para um amigo e ele disse que a vida em São Paulo era difícil e só pagavam salário-mínimo. Mesmo assim, decidimos viver aqui.

**JP — E como foi o começo?**

**Francisca** — O Manoel veio primeiro. Ele ganhava 600 cruzeiros fazendo serviço de limpeza, pagava quase 400 de pensão, 56,00 pela roupa lavada e o resto era prá condução. Eu vim primeiro sozinha, dois meses depois dele. Ele foi atropelado quando ia para o emprego, e apesar das cartas falando que ele estava bem, decidi vir. Quando cheguei, fiquei sabendo que Santo Amaro era um lugar bom prá morar, era fácil arrumar

emprego, tinha muitas indústrias. Depois, arrumei emprego numa indústria de artefatos de borracha. Com os dois trabalhando alugamos uma casa de cômodos no Grajaú. Mandávamos dinheiro prá crianças e só conseguimos buscá-las no fim de 1975.

Quando a mulher da imobiliária soube que a gente ia morar com as cinco crianças em um cômodo, disse que não ia deixar. A coisa ficou difícil e então, depois de andar muito, consegui uma casa também no Grajaú, de 3 cômodos, que não estava nem acabada, quando chovia molhava tudo. Pagava 500 cruzeiros de aluguel, e nós dois ganhávamos mais ou menos 1.500,00. O dono acabou pedindo a casa e ficamos em grande dificuldade. Nós éramos então 12 pessoas: eu, Manoel, os seis filhos e mais quatro parentes. Ai eu deixei o trabalho e andava o dia inteiro tentando achar uma casa. O dinheiro que a gente tinha para o aluguel dava apenas para um cômodo, e quando dizia que éramos 12 pessoas, ninguém queria alugar. Só tive uma saída, vender a casa em Serra Talhada e construir esse barraco aqui na favela Nova Esperança, no Parque São José. Era o único meio da gente não passar fome.

**JP — O que vocês esperavam da vida quando vieram prá São Paulo?**

**Francisca** — A gente achava que

a vida seria mais fácil. Pensávamos em trabalhar e juntar dinheiro prá comprar um terreno e depois construir uma casinha. As crianças começariam a trabalhar a estudar. Elas não sabiam ler, e tiveram que ir para o Mobral. O Mobral não é bom, mas acho que a força de vontade delas foi tão grande, que acabaram aprendendo a ler. Agora todos estão querendo fazer o ginásio, mas precisam arrumar bolsa, porque não temos dinheiro prá pagar os estudos.

**JP — Valeu a pena vir para São Paulo?**

**Francisca** — Não foi nada parecido com o que a gente esperava, mas meus filhos já não querem voltar para a roça. Eles pensam em estudar e ter uma profissão. Na verdade, a gente continua vivendo da esperança, como quando viemos, mas voltar para aquela vida não dá mesmo. A gente teria que enfrentar novamente a falta de trabalho no Nordeste e a falta de apoio do governo ao camponês e ao pequeno proprietário de terra.

**JP — Quais as diferenças entre a vida na cidade e no campo?**

**Francisca** — Na cidade o bom é a facilidade de emprego, e o salário que apesar de pouco é certo no fim do mês. A condução, mesmo ruim, ainda existe, e as crianças, com sacrifício, podem até estudar. De ruim na cidade a gente tem esta vida corrida e cansativa, a falta de dinheiro, que provoca a violência e a marginalidade. Aqui a correria é tanta que a gente não tem tempo nem prá conhecer os vizinhos. Outra coisa que não gosto são as filas prá tudo, prá comprar comida, prá falar com qualquer pessoa na Prefeitura, na Sabesp, etc. O pior mesmo são as promessas.

No campo a vida é diferente. A vida é dura pelo trabalho na roça, mas tem o ar puro, sem poluição. O silêncio, aquela calma, ajuda a descansar. As pessoas se relacionam e se conhecem muito mais. O pessoal vai nas festas não pelas comidas, mas pelo encontro alegre com as pessoas. Nessas festas a gente dança, aparecem os violeiros cantando músicas sertanejas, além dos repentistas.

Se as condições de vida mudassem, a gente voltava. O governo devia ver o camponês não como um animal mas dar a esse povo a terra prá trabalhar, sementes, ferramentas e escolas prá crianças. Mas o problema pior do Nordeste e do Norte é a terra na mão de poucos, que dominam os camponeses e os pequenos proprietários.

As notícias que a gente recebe de lá são sempre de dificuldades, de falta de dinheiro e de fome. São os mesmos problemas que nós enfrentamos aqui e lá.

# Prefeito não gosta e não convidou, mas vai ter que receber

*Na assembléia de loteamentos, no dia 24 de fevereiro, em São José, os bairro da região receberam a visita de representantes da Nicarágua e da Bolívia.*

"Abuso de autoridade". "Incompetência". "Desrespeito para com o morador da periferia". Assim os moradores dos bairros da nossa região classificam a atitude de órgãos públicos (prefeitura, administração regional, Sabesp, Cetesb, etc) que nem se dão ao trabalho de ouvir as reivindicações do povo. Durante a assembléia de loteamentos clandestinos, realizada no dia 24 de fevereiro, na igreja do São José, com a presença dos advogados Firmino e Marcos Aurelio, muitos moradores usaram a palavra "absurdo". Ofícios, abaixo-assinados, visitas em massa a esses órgãos da administração da cidade, nada disso adianta.

Os moradores dos nossos bairros já estão cansados de promessas. Por isso fizeram mais esta assembléia, para a qual convidaram também os jornais da grande imprensa - Folha de São Paulo, TV Globo, TV Bandeirantes, e o Diário Popular, que foi o único a mandar repórter e fotógrafo. Mais uma vez a periferia viu que os jornais não estão interessados nos movimentos populares. Porém, a assembléia cumpriu seu objetivo: discutir e preparar as propostas dos bairros daqui da região, que serão

levadas a outra grande assembléia de loteamentos clandestinos na Capela do Socorro. Estavam presentes moradores dos bairros: Jardim Silveira, Jardim Ramalho, Parque América, Jardim Quintana, Balneário São José, São Rafael, Recanto Ana Maria, Parque Amazonas, Jardim Santa Terezinha, Jardim Icarai.

A assembléia aprovou duas propostas: 1) Reunir os loteamentos localizados em áreas do INCRA, que têm problemas específicos, para discutir e encaminharem formas de luta. 2) Uma ida em massa à prefeitura, organizadamente, para mais uma grande concentração, como forma de pressionar o inatingível prefeito Reynaldo de Barros, e se manifestar contra o decreto de construções irregulares.

## NA NICARAGUA, A LIBERTAÇÃO

Os participantes da assembléia tiveram uma boa surpresa: a presença de um padre e de um pastor latinoamericanos, que vieram a São Paulo para o Congresso Eucumênico de Teologia. O padre Uriel Molina, pároco de um bairro pobre de Manágua (capital da Nicarágua, onde em julho do ano passado,



"Tivemos luta na Nicarágua e muitas pessoas morreram. Mas o ditador Somoza saiu fugido do país, agora o povo está no poder, e viemos nos solidarizar com a luta do povo brasileiro."

o povo derrubou o ditador Somoza depois de 40 anos de repressão e exploração), disse: "Me identifico totalmente com a luta de vocês, da periferia, desejando que vivam dignamente como pessoas humanas. Em nosso país também enfrentamos o problema dos loteamentos clandestinos, mas com a libertação a terra voltou a ser do povo". Ele contou que na Nicarágua existe um exército de 16 mil nicaraguenses, homens e mulheres, "dispostos a dar a

vida pela libertação do país". O representante da Bolívia disse: "Quando nossos camponeses blo-

quearam uma cidade, durante sete dias, a burguesia quase morreu de fome".

## Engenheiro atrapalha o Balneário

No Balneário São José as coisas andam se complicando para quem quer escritura do terreno. O proprietário Emilio Bachi (que tem a maior parte dos lotes) decidiu, há cerca de um ano contratar os serviços do advogado Marcos Aurelio - um batalhador ao lado do povo - para que a regularização dos terrenos fosse encaminhada. Acontece que não adianta apenas contratar um bom advogado interessado em regularizar rapidamente a situação. É preciso também que um engenheiro se encarregue de resolver outras questões que não cabem a advogados.

Assim, a advogada Ideli - que atualmente está encarregada do caso pois trabalha com Marcos Aurelio - apressou os contatos com o engenheiro Shoey Taira escolhido por Emilio Bachi. Acontece que desde de dezembro do ano passado o engenheiro não é encontrado. Ideli telefonou várias vezes, mas parece que esse engenheiro não está interessado em cumprir sua parte. Em janeiro e fevereiro Ideli tentou de todas as formas se

comunicar com ele, e nada conseguiu. Na semana passada, cansada de procurá-lo, a advogada telefonou a Emilio Bachi que se comprometeu a entrar em contato com o engenheiro. Enquanto isso, nada pode ser feito, pois há alguns documentos que só o engenheiro pode assinar e encaminhar. Portanto, como ele está com a planta da área e com o atestado agrônomo, tudo fica dependendo dele. Como se trata de área rural, o INCRA exige documentos para regularizar, assim como a Cetesb e a EMPLASA. A parte da Cetesb e da EMPLASA tem de ser feita pelo engenheiro, porque para os advogados entram com o pedido de regularização, tem de ter aprovação da Cetesb. Mas antes do fim deste mês os moradores terão informações que serão dadas por Ideli e Marcos Aurelio sobre como está a situação. No entanto, não basta apenas a boa vontade dos advogados, é preciso que os moradores do Balneário São José se unam e se organizem para pressionar o proprietário e o engenheiro.

JORNAL DA PERIFERIA

## Ô da Regional, no São Rafael nada?

O orçamento da Administração Regional de Santo Amaro para este ano é de 216 milhões de cruzeiros, dos quais cerca de 80 milhões são destinados para coleta de lixo. Sobram, portanto, 136 milhões de cruzeiros para todas as outras necessidades da região. Mas o que acontece? Os moradores escutam sempre: "Não temos verba para isso". Então é de se perguntar, por exemplo: por que a coleta de lixo no Jardim São Rafael não existe? Na rua 6 o lixo se acumula numa área grande situada no final da rua. Onde estão os caminhões de lixo?

Outra coisa: por que uma Administração Regional tão grande como a de

Santo Amaro não tem verba suficiente para melhorar as condições de vida do trabalhador que paga impostos? Para onde vai esse dinheiro arrecadado? Para os bairros dos ricos? Parece que sim. No São Rafael os problemas são vários: falta de segurança, lama que invade as ruas e a escadaria que liga a rua 6 à rua 11 foi destruída pelas chuvas. As crianças que vão para o grupo escolar correm risco de vida ao passar pela escadaria. A Regional mandou arrumar a escadaria, porém não completou as obras e agora está mais perigoso do que antes. É como diz o "seu" João: "Reclamar lá não adianta. O que temos de fazer então?"

## Ofício, prá que? E adianta?

O problema do pedregulhamento das ruas da Vila Angelina já deixou de ser solucionado através de Ofícios enviados à Administração Regional. Um simples Ofício nada significa. Os moradores começam a entender isso, porque se fosse por falta de Ofício toda a Vila Angelina já estaria arrumada. A burocracia e o desinteresse da AR de Santo Amaro são tão grandes que um morador definiu muito bem: "O administrador regional é igual pau de amarrar égua: só fica parado, não sai do lugar". Contra um pau de amarrar égua, concluíram os moradores, há apenas uma solução: a pressão.

# NOSSAS ESCOLAS VÃO MAL. E AS ESCOLAS DOS RICOS?

*Os pais da periferia enfrentam todas as dificuldades para que seus filhos possam estudar. Mas as condições nas escolas são as piores possíveis. As mães não aguentam mais e nem as crianças.*

Quando a gente visita a escola municipal de 1º e 2º graus Professor Milton Albuquerque, tudo parece estar às mil maravilhas. O prédio da escola está sendo reformado, foram providenciadas cortinas novas, mas de repente, se a gente parar e pensar, muita coisa está errada ali. Ali só não. Muita coisa anda errada em todas as escolas oficiais de todo o país. Mas agora os pais dos alunos de muitas escolas da periferia começam a defender os seus direitos. São todos pobres e sem condições de ter despesas escolares, além disso o ensino de 1º grau é gratuito por lei.

Vários são os problemas nas escolas da periferia: falta verba para o ensino no Brasil. Assim, as condições nem sempre são boas: a merenda escolar é mal preparada, o leite em pó tem provocado desintéria em muitas crianças, o material escolar não é suficiente para atender às necessidades de todos esses alunos pobres, os móveis são estragados, a higiene nos banheiros é precária.

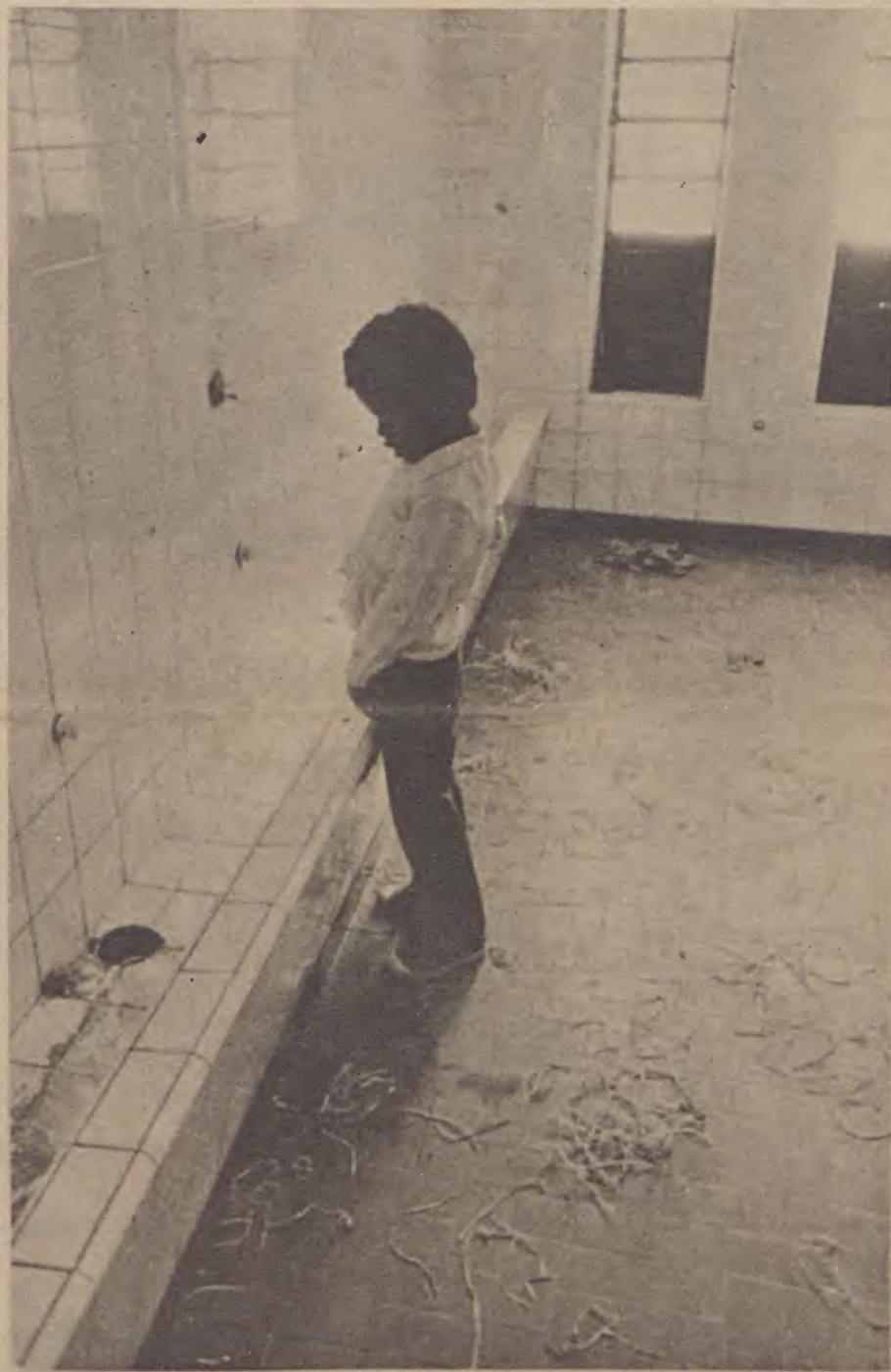
## PAGAR OU NÃO PAGAR A APM?

Para enfrentar a falta de dinheiro para manutenção, foi criada a taxa da APM (Associação de Pais e Mestres), que não é obrigatória segundo afirmam os pais, as diretoras e o Estatuto da APM. Porém, as escolas encontram formas de pressionar os pais a pagarem, todo ano, esta taxa. "Até hoje ninguém pagou a taxa da APM aqui na Milton Albuquerque", garante a diretoria.

E é verdade, mas os pais têm - de qualquer forma - de pagar os 150,00 exigidos até o final do ano. Para os pais que têm, por exemplo, quatro ou cinco filhos estudando, não há dispensa da taxa, apenas ela deve ser paga parceladamente nos 12 meses do ano. Dizem as diretoras que sem a taxa da APM não é possível manter a escola.

Mas, os pais perguntam: "Quem deve arcar com estas despesas? É o governo, utilizando os impostos que todos nós somos obrigados a pagar". Uma mãe, que aguardava no portão da escola para falar com a diretora, contou: "Tenho seis filhos, estudando. Quer dizer, tinha. Por que agora não tenho dinheiro para pagar os 150,00 para cada um, e vou tirar os três menores". Acontece que para o trabalhador que ganha salário mínimo, 150,00 é dinheiro tirado com sacrifício do orçamento mensal de uma família da periferia. Mas quem é que está preocupado com isso, a não ser os pais e algumas professoras?

JORNAL DA PERIFERIA



SUJO E SEM ÁGUA

## NAS REUNIÕES AS MÃES NÃO FALAM

— Às vezes eu tiro do meu próprio salário para comprar algum material para as minhas crianças. Sei que os pais trabalham mas não ganham o suficiente e passam necessidades. Como o governo não quer assumir este encargo que lhe é devido, a gente que dá aula em escolas da periferia acaba encontrando soluções como esta, mas muita coisa nem com boa vontade as professoras podem fazer.

A diretora diz que os pais reclamam mas não participam das reuniões, "não têm hábito de dividir as tarefas da escola". Mas as mães respondem: "Quando a gente vai em reunião, só elas é que falam e ficam dando avisos sobre o que tem de comprar. Então prá que participar, se duas ou três mães que querem se unir para melhorar as condições da escola e lutar por nossos direitos, não conseguem? Se todas nós nos uníssemos, estas reuniões da APM iriam ser bem diferentes". E estas mães contam: "Os banheiros têm mau-cheiro e estão sempre molhados. As mães das crianças do pré-primário têm de lavar pratos, limpar o chão e são obrigadas a assinar um papel se comprometendo a dar 15 dias por ano para a escola, com trabalho. Eu não acho certo isso. A escola tem 9 serventes, e o que elas fazem? Limpam o pedaço da secretaria, que é o que aparece". Outra mãe diz que proibiu seu filho de usar os banheiros por causa da sujeira. A falta de água também é constante: "Às vezes falta água durante 15 idas". Nos três bebedouros é raro conseguir água. Algumas crianças levam água de casa. Uma moradora da vila Angelina diz: "Agora estão colocando cortinas novas na escola. Para que? Cortina é luxo, mas parece que a diretoria não está preocupada com os alunos".

## Entre nesta festa!

O JP e a Comissão de Moradores, convidam todas as pessoas interessadas, a participarem de uma reunião no próximo dia 16, às 10 horas da manhã. Nesse dia, vamos preparar a organização de

uma festa para inaugurar a nova sede do nosso jornal. Venha e chame seus vizinhos para dar idéias e ajudar a gente.

O endereço é Estrada de Parelheiros, 4560, sala 13.

# Escândalo! 16 deputados traem 650 mil eleitores

*Festival de vira-casacas na política de São Paulo. Dezesseis deputados da oposição passam para o governo, sem dar bola ao povo.*

O maior festival de pouca vergonha dos últimos tempos está acontecendo na política de São Paulo. Dezesseis deputados estaduais, eleitos pelo antigo MDB, portanto, da Oposição, simplesmente viraram a casaca e passaram para o partido do governo, o PDS. O povo, mais uma vez foi traído. Esses 16 senhores e senhoras que passaram para o lado de lá, representam nada menos que 651.853 votos de eleitores enganados e iludidos por seus discursos e promessas.

O que aconteceu? Simples: Maluf prometeu a Figueiredo que levaria para o PDS o maior número possível de políticos, para garantir maioria ao partido do governo. E cumpriu a promessa. Como? Comprando os deputados corruptos, com nomeações para parentes, subornos, e principalmente, a promessa de participar do poder.

#### «Chapéu» vira a casaca

As figuras mais conhecidas entre estes traidores do povo são o radialista Jorge Paulo e sua mulher, Nodeci Nogueira. Jorge Paulo ficou famoso com seu programa de rádio, «Chapéu de Couro», dedicado ao povo nordestino que mora em São Paulo, e sua mulher aproveitou o embalo e se candidatou nas últimas eleições, em dobradinha com o marido. Foi a mais votada com quase 140 mil votos.

E não é que, outro dia, o casal foi pessoalmente a Brasília, junto com o Maluf, entregar suas cabeças ao Figueiredo? De bandeja. Agora, sabem o que o casal vai ganhar em troca? Maluf já prometeu a concessão de uma estação de rádio todinha para o Jorge Paulo. É de se cantar aquela música antiga, onde o povo pergunta: «Onde está a honestidade? Onde está a honestidade?»

#### Para o povo, nada

E os eleitores, nisso tudo? Alguém dos deputados traidores, ao menos se deu ao trabalho de inventar qualquer desculpa para aqueles que acreditaram neles como parlamentares da Oposição? De jeito nenhum. «O povo que se lasque», devem pensar eles.

Quando mais de 650 mil brasileiros são enganados dessa forma, a gente pode pensar que a situação está preta mesmo. Mas não é difícil entender por que isso aconteceu. O antigo MDB era uma frente de oposições: nele tanto podia entrar o empresário como o trabalhador, contanto que tivessem uma coisa em comum, ser contra o governo.

Assim, o MDB desempenhou, durante muitos anos, um papel importante, de denunciar o governo e



Jorge Paulo



Nodeci Nogueira

## Os vira-casacas Anotem os nomes. São estes que se venderam

Estes são os 16 vira-casacas, mas parece que a lista vai aumentar, porque alguns integrantes do ex-MDB ainda estão indecisos:

Agenor Lino de Matos, Benedito Campos, Célio dos Santos, Edson Adalberto Real, Edson Thomas de Lima, Ivan Spinola de Ávila, Jihei Noda, José Silveira Sampaio, Manoel Sala, Marcos Cortas, Nodeci Nogueira, Jorge Paulo, Oscar Yazbeck, Sérgio Moringa, Teodosina Ribeiro, Walter Auada.

lutar contra ele. Aos poucos, entretanto, o povo foi se organizando nas fábricas, nas vilas, nas escolas, no campo. Ao mesmo tempo, foi conhecendo melhor o MDB, que contava com políticos comprometidos com a luta do povo, mas a maioria queria mesmo era garantir o seu.

Então, houve a clara separação entre os parlamentares autênticos que realmente estavam do lado do povo — e os «adesistas», que sempre fizeram a política safada do governo, mesmo estando na oposição. São chamados adesistas porque aderiram ao poder, assim como Jorge Paulo.

#### O que é fazer política?

Muita gente ficou então mais desiludida com a política. «Com essa pouca vergonha toda não dá,

eles que façam a sua política e a gente fica de fora», pensaram muitos. «Política é coisa suja, não vale a pena», disseram outros. Entretanto, tem gente que pensa assim: «Nós votamos no MDB para protestar contra o governo. Depois, fomos muito enganados por esses mesmos deputados que elegemos, que não ligavam a mínima para os nossos problemas. Na verdade, nós achávamos que só votar na oposição resolvia, eles iam resolver nossos problemas por nós. Agora, sabemos que não é verdade. Só com muita luta do povo unido é que nós mesmos vamos conseguir alguma coisa».

Quando o povo participa do movimento de terreno, de água, de favela, luta por seus direitos, está fazendo política. Política? Isso mes-

mo. O povo está reivindicando um lugar, um espaço para que possa falar e ser ouvido. Isso também é política. Quando o povo se organiza, está fazendo política.

Mas no Brasil a palavra política esteve sempre ligada a corrupção, ladroeira, sujeira, pouca vergonha, porque uma meia dúzia de parasitas vive montada nas costas de milhares de trabalhadores. O governo é deles, e toma todas as decisões sem consultar o povo. No dicionário está escrito: «Política, arte de governar um Estado». A verdadeira política é honesta.

#### A política só é honesta quando é feita pelo povo

Com a criação dos novos partidos, o MDB virou PMDB, e continuou o mesmo. Como é que fica o PMDB, se dentro dele tem de tudo, e poucos são realmente ligados à luta do povo? Não fica.

O povo está começando a entender que é impossível um partido que coloca tantos interesses diferentes num mesmo saco, fazer uma Oposição de verdade. Assim também pensaram muitos deputados autênticos, descontentes com o PMDB. Esses autênticos anunciaram sua entrada no PT, um partido que quer nascer das bases, representar trabalhadores da cidade e do campo, e contribuir para a organização do povo a partir de suas lutas.

O PT nasceu — como diz o seu Manifesto — «da necessidade sentida por milhões de trabalhadores brasileiros de intervir na vida política e social do País para transformá-la. A mais importante lição que o trabalhador brasileiro aprendeu em suas lutas é a de que a democracia é uma conquista que, finalmente ou se constrói pelas suas mãos ou não virá».

Com todas as dificuldades que o governo impôs à formação de novos partidos, o PT já conta com parlamentares importantes. Todos sabem que o trabalho vai ser grande mas pela primeira vez na história do Brasil, vai ser criado um partido de baixo para cima. Esses políticos ao contrário dos 16 traidores, de São Paulo passaram de uma situação muito mais cômoda no PMDB, para o lado dos trabalhadores.

São coisas que a gente deve parar para pensar, e pensar muito bem. Quando a política não representa os interesses da maioria, dá nisso que todo mundo sabe. A política é uma necessidade e quando é conduzida pelo povo, é Política com pê maiúsculo.

**COMERCIANTES, ANUNCIEM NO JP, UM JORNAL A SERVIÇO DA REGIÃO**

# O povo exige punição para assassinos de Santo

Está emperrado o processo aberto para apurar a morte do operário metalúrgico Santo Dias da Silva, assassinado pela PM há quatro meses, quando lutava com seus companheiros por melhores salários e condições de vida. Pelo processo, a Polícia Militar é considerada vítima, e não autora do crime.

No dia 28 de janeiro foi anunciado que o processo, até então conduzido pela Justiça Civil, passou para a Justiça Militar. O que significa isto? Que os soldados agressores serão julgados por seus superiores. O processo para apurar a invasão da Capela do Socorro, também pela PM, está sendo conduzido de forma a inocentar os autores do atentado.

A primeira audiência das testemunhas estava marcada para 25 de fevereiro, e inclusive o povo estava sendo mobilizado para ir até a porta da 1ª Auditoria Militar. Sem mais nem menos, a audiência foi suspensa, e não se sabe qual será a próxima data.

Ana, a viúva de Santo, juntamente com um grupo de entidades de trabalhadores e movimentos de bairro, está lutando muito para que os verdadeiros assassi-

nos sejam julgados e punidos. Mas está encontrando dificuldades. O advogado José Carlos Dias manifestou-se contrário à mobilização do povo antes da sentença, por considerar a «causa perdida». Os grandes jornais nunca mais tocaram no assunto, e todo mundo se lembra que, quando houve a invasão no Socorro a TV Globo noticiou apenas a versão da Secretaria da Segurança. Esse assunto não interessa aos patrões da imprensa.

Agora a única saída é ampliar o apoio, entrando em contacto com outras entidades. Ana vai falar com o Comitê de Defesa dos Direitos Humanos, e o caso Santo foi levantado durante o Congresso Ecumênico de Teologia. Também se debaterá o assunto no Congresso da Mulher Paulista e nas comemorações do 1º de Maio. Está sendo iniciado uma campanha do papel sulfite, para poder imprimir o material para divulgação do processo.

Neste processo quem vai ser julgada é a classe operária, seu direito de organização e defesa. Os verdadeiros assassinos ficarão impunes?

## Sai de baixo, Murilo Macedo!

Como diz o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, o Lula, «se o governo quer mesmo acabar com o desemprego, por que não manda ao Congresso uma lei obrigando a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais e o fim das horas-extras?». E é isso mesmo. Desemprego sempre existiu neste país, e agora virou moda falar nisso.

Mas quem quer resolver não fala, age. O desemprego é um dos mais graves problemas que afligem o trabalhador, e como disse um operário: «Desempregado é que nem marginal. Ninguém quer saber dele». No próximo número, o JP vai falar sobre desemprego, suas causas e a quem interessa. O ministro Murilo Macedo sabe o que é desemprego?

## Esse tal boicote, resolve?

Há mais de um mês, a campanha de boicote a carne começou a ser feita pelas donas de casa de Piracicaba, e depois se estendeu para o Rio e outros Estados. O movimento está sendo dirigido por mulheres da classe média, porque pobre já faz boicote a carne há muitos anos, por não ter condições de comprar. O boicote recebeu o apoio do ministro Delfim Neto e de toda a grande imprensa: as emissoras de tevê e os jornalões não falam em outra coisa.

Através de cartas e telefonemas, as donas de casa apelam para substituir a carne por peixe e frango. Em algumas capitais o boicote teve algum efeito, e os preços baixaram até 10%. Mas logo subiu o preço do peixe e do frango. E agora?

Se a gente pensar bem vai ver o seguinte: pobre não come carne há muito tempo, mas tem que comprar outros gêneros de primeira necessidade pra viver. Se o boicote da carne conseguiu diminuir os preços, então porque não fazemos a mesma coisa com o macarrão, o arroz, o feijão, o leite?

«Tudo bem, mas aí a gente vai comer o que?», perguntarão. Boa pergunta.

Quem tiver resposta pode escrever para o Jornal da Periferia. O que acontece é o seguinte: é muito interessante as mulheres da classe média fazerem pelo menos algumas coisas na vida, como fiscalizar os preços dos produtos. É uma forma de mobilização e como a situação está ficando preta até para quem tem uma vida um pouco melhor, as pessoas são obrigadas a tomar alguma atitude. E é sempre bom as pessoas de unirem e se integrarem numa luta.

Mas quando o governo apoia um movimento, a gente sabe que é porque esse movimento não vai significar nada. Não vai atingir os lucros dos empresários, dos latifundiários, das multinacionais. Por acaso o governo apoia o movimento de favelas, de terrenos, de água? Apoia movimento de operários? Todo mundo sabe que não.

Os verdadeiros responsáveis pela inflação — são os monopólios, as multinacionais, os juros altos, enfim uma série de coisas que o governo não muda, porque não é um governo que representa os interesses do trabalhador. Portanto o tal do boicote é uma gota d'água no oceano.

BEM...  
JÁ QUE VÃO  
CONGELAR OS  
PREÇOS, NÃO DARIA  
PRA ESQUENTAR  
OS SALÁRIOS  
TAMBÉM?



## E os alimentos vão subindo, subindo...

«Dez entre dez brasileiros preferem feijão» — diz a música, e é a pura verdade. Mas lá se vão os bons tempos em que o feijão era barato e todo mundo podia comprar. Hoje, haja grana, e isso quando a gente consegue encontrar o produto. Pois volta e meia o feijão some da praça. Como também desaparecem a carne e o leite.

Quando um produto some do mercado, o povo já sabe que quando voltar a aparecer já vem com preço aumentado. Isso é mais uma jogada dos produtores. Às vezes gêneros alimentícios são até jogados fora, para forçar o aumento no preço. E o governo? O que faz? Agora resolveu tabelar o feijão-preto em todo o país (o preço é 23,00), o arroz (no Rio de Janeiro ficou em 18,00 porque lá os supermercados estavam importando a 12,00 o quilo e vendendo a 32,00), e anuncia que vai tabelar o óleo comestível. O feijão foi o produto que mais encareceu, desde 1973, e está até acima da inflação. O preço desse alimento básico na alimentação da imensa maioria das famílias brasileiras subiu 924% nos últimos seis anos. Mais do que a inflação, mais do que o custo de vida.

E agora vem a demagogia do governo, tabelando o feijão. Mas não há fiscais suficientes em todo o país para controlar as tabelas, e como o governo também não está interessado em confiscar todos os produtos dos empresários e latifundiários que desrespeitam essa tabela, o que acontece? Os produtos somem, passam a ser vendidos em alguns lugares a preços muito acima da tabela, e

o povo, se quiser comprar, ainda tem de enfrentar as filas imensas.

Outra novidade que o governo está programando para o mês de março é o congelamento dos preços de 20 produtos de primeira necessidade. E o que está por trás disso? Mais uma jogada, claro: o dissídio dos metalúrgicos do ABC (onde os operários estão cada vez mais organizados e no ano passado fizeram uma das maiores greves do Brasil nos últimos anos), é em abril. Então o governo pretende baixar os índices de inflação em março e abril, para que as reivindicações salariais não sejam altas. Como se isso fosse a solução.

No entanto, o governo esquece uma coisa: ninguém é bobo de acreditar que congelamento de preços durante apenas um mês, resolve o problema. No mês seguinte os preços estarão nas nuvens outra vez. E tem mais: a inflação acumulada (12 meses) nos primeiros três meses deste ano não vai ficar abaixo de 80%, e os metalúrgicos do ABC sabem muito bem disso.

Essas medidas que o governo quer tomar, pra tapar o sol com a peneira, já não enganam o povo. Dese jeito o trabalhador só pode esperar para este ano mais carestia e mais panelas vazias. E o governo, com os seus delfins e murilos macedos, pode aguardar o crescimento dos movimentos populares e as reivindicações dos trabalhadores. Eles que se preparem e queimem os miolos pra inventar novas fórmulas mágicas. Até que um dia, a lagoa há de secar.



Zé Jorge, Cido, Nelson, Zé Edson, Dinho e Carlinhos; Zé Alemão, Veloso, Geraldinho, Odair e Coutinho. As feras do Corinthians.

# O Coringão do Manacá

*Também tem Corinthians aqui na região.  
Quem não conhece o alvinegro do Jardim Manacá  
e o famoso campo do Corintinha?*

O Esporte Clube de Jardim Manacá é um dos poucos clubes da região que tem campo, o famoso campo do Corintinha. Nem é preciso dizer a batalha que foi pra conseguir esse campo, e até há pouco tempo, segundo conta um dos diretores, ledo Sinclair Martins, "quase que a gente perdia ele pra outro clube, que queria preferência, mas nós bate-mos o pé e conseguimos."

O Corinthians já tem dez anos, e 50 associados. Os jogadores pagam 70 cruzeiros de mensalidade, e os outros sócios 50,00. A maioria dos jogadores trabalha em metalúrgica, e no quadro titular, uma coisa que só acontece em time de bairro: todo mundo é parente.

— A maioria é família, conta ledo. Primos, cunhados, no primeiro quadro só dois jogadores não são parentes, e o jogador

mais novo tem três anos de time.

O treinador é o Maritaca e o Corinthians também tem sua história de glória: foi campeão, o ano passado, do torneio do Educandário da Madrinha, no Marsilac. Agora, o time se prepara para o dia 16 próximo, quando vai promover um festival de aspirantes e titulares.

### Os donos da bola

Na verdade o Corintinha é um dos clubes mais conhecidos, e um dos melhores da região. Tem dois jogadores que sabem tratar com a "gorduchinha": o ponta esquerda Ney, mais conhecido como Jeguinho, e o volante Nêgo. Dizem que os garotos estão com a bola toda.

Como em todos os times da periferia, os rapazes não têm tempo de treinar. Muitos jogam aos sábados nas suas fábricas e aos domingos, no Corinti-

na. Treino mesmo só batida de bola de 5 a 10 minutos pra aquecer.

Dinheiro é sempre problema. Agora mesmo o Corinthians vai viajar para Divinópolis, e o ônibus, para transportar os jogadores, ia cobrar 22 mil cruzeiros. O pessoal então preferiu ir de carro, que fica bem mais barato.

E esse negócio de deputado vir com conversa de ajudar o time, todo jogador de periferia sabe que é papo-furado. Quando promete, só depois de anos e anos de cobrança é que pode sair alguma coisa, e olhe lá. "É que os deputados sabem, diz ledo, que a publicidade é maior quando se trata de futebol, do que, por exemplo, cuidar das ruas e dos problemas dos moradores. Mas o nosso time é coisa nossa, quem cuida é a gente, quem leva êle pra frente somos nós."

A comunidade "São Paulo", de Vila Angelina, fez a Festa do Sorvete no último domingo, dia 2, e foi um sucesso. Essa festa já estava programada há muito tempo, e ia sendo adiada principalmente por dois motivos: as chuvas, que não paravam e o lamaçal que se formava na rua 6.

Os moradores fizeram tanta peregrinação até a Administração Regional que, na semana da festa, conseguiram o cascalho em duas ruas. Num dia de sol muito quente mesmo, não houve sorvete que chegasse: 400 quilos acabaram em algumas horas e a criançada, é claro, ainda queria mais.

Teve também bingo, surpresa, e jogo de bocha, e as barraquinhas ficaram lotadas de gente. A festa foi promovida pela comunidade para unir mais as pessoas, além de ser um divertimento com os lucros revertidos para a comunidade. Quem estava contente era o seu Jorge, japonês: "Importante pra nós é que o povo está aqui", disse ele.

os fins de semana eles vão para as vilas e onde tem uma pracinha eles se apresentam para o povo. Além de dar um show de graça para os moradores, eles também falam sobre a capoeira e explicam o que são os instrumentos, o berimbau, o atabaque. Isso para mostrar ao povo que a capoeira é uma dança e uma luta que todo mundo pode aprender, até criança, e que é muito boa para o corpo e para a cabeça. E também faz parte de nossa cultura, pois foi trazida pelos escravos africanos e está ai até hoje.

Então, preparem-se. Qualquer fim de semana, se vocês escutarem um som de berimbau na sua rua, vão lá porque o pessoal da capoeira está botando prá quebrar na praça, que, afinal, é do povo.



Torcida amiga, prepare-se para o dia 16 de março, domingo: o dia inteiro vai ter Festival de Futebol no campo do Corintinha, promovido pelo próprio clube. Serão disputados dois troféus, e a programação é a seguinte: Juvenil Corintinha x Juvenil Petronita; Supermercado Reimberg x Icarai; Internacional x Vasco e Corinthians x Esperança de São Rafael. Todo mundo lá!



O pessoal da Associação de Capoeira Corrente Libertadora, aqui de São José, está fazendo uma coisa interessante. Todos

## ATENÇÃO

Todas as vilas da região Sul estão convidadas a eleger um ou dois representantes para participarem da Comissão de Moradores do JP. A próxima reunião será no dia 30 de março, às 9 horas da manhã, na nossa sede, que fica na Estrada de Parelheiros, 4560, sala 13.

Comparecam.

